

A percepção dos professores de Língua Portuguesa quanto ao ensino das preposições para alunos surdos¹

Jonatan da Silva Gondinho²

Resumo

A presente pesquisa foi feita para que se entenda melhor a importância do ensino do português para alunos surdos, a necessidade em se desenvolver uma educação bilíngue nas escolas e a importância de os professores serem qualificados para lecionar aulas, de forma satisfatória, a seus alunos. A pesquisa é de natureza qualitativa e foi utilizado um questionário com perguntas abertas para professores de alunos surdos que colaboraram com o trabalho. Em seguida, discorrerá sobre o ensino da Língua portuguesa como segunda língua para alunos surdos, o que possibilita a eles uma educação bilíngue, e lhes proporciona uma melhor inclusão na sociedade. Um aspecto que torna o aprendizado da Língua Portuguesa escrita mais difícil é a maneira particular como as preposições são representadas em Libras. Posteriormente, discutirá sobre a metodologia utilizada nas aulas de português que varia muito com o grau de surdez do aluno, com o surdo moderado há a possibilidade de se trabalhar com fonemas, mas no caso do surdo profundo, as aulas são exclusivamente visuais, por meio da Libras. A proposta de educação bilíngue é extremamente importante, pois o surdo vive em uma comunidade predominantemente ouvinte e necessita tanto da Língua Portuguesa, quanto da Libras para se comunicar com ouvintes e com surdos satisfatoriamente. O bilinguismo não é necessário apenas para alunos, mas também para professores, pois facilitaria a comunicação, possibilitando àqueles uma melhor compreensão da função das preposições e conseqüentemente o aperfeiçoamento na produção textual.

Palavras-chave: Bilinguismo. Português. Libras. Preposição.

1. Introdução

A Libras (Língua Brasileira de Sinais) está sendo difundida aos poucos, e tal disseminação se dá pela ativa atuação do surdo na sociedade. Atualmente, o portador de deficiência auditiva tem autonomia para tomar suas próprias decisões,

¹ Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de graduação em Letras Português da Faculdade Jesus Maria José – FAJESU, como requisito parcial para obtenção do título de licenciatura em Letras Português, sob a orientação do professor Me. Rodrigo Albuquerque.

² Acadêmico do curso de Licenciatura em Língua Portuguesa e Respectivas Literaturas

possibilitando-o de usufruir de sua liberdade. Isso graças ao crescimento da língua de sinais, tanto na comunidade surda, quanto na comunidade ouvinte, o que colabora com a educação bilíngue em ambos contextos.

O maior desafio encontrado no aprendizado do português como segunda língua pelo surdo se dá pelo fato de a Libras, que é a primeira língua desse estudante ser

uma língua espacial-visual, havendo muitas formas criativas de explorá-la. Configurações de mão, movimentos, expressões faciais gramaticais, localizações, movimentos do corpo, espaço de sinalização, classificadores são alguns dos recursos discursivos que tal língua oferece para serem explorados durante o desenvolvimento da criança surda e que devem ser explorados para um processo de alfabetização com êxito (QUADROS & SHMIEDT, 2006, p.26).

Com esta pesquisa pretende-se responder às seguintes questões: Qual a importância da educação bilíngue para o aluno surdo? Por que o surdo tem dificuldade em elaborar textos utilizando as preposições?

Entender um pouco mais sobre sua língua materna é necessário, principalmente, para educadores que, no decorrer da formação profissional, provavelmente irão deparar com alunos com deficiência auditiva. Apesar de a Língua Brasileira de Sinais não fazer parte diretamente do que os discentes estudam durante toda sua vida acadêmica, conhecer técnicas próprias para o ensino da gramática normativa para alunos surdos consiste em avanço no ensino de línguas.

Este trabalho irá apresentar a dificuldade que o aluno surdo tem em aprender a gramática normativa da Língua Portuguesa, mais especificamente em relação ao uso das preposições, visto que a Libras, que é sua primeira língua, faz uso diferenciado dessa classe gramatical, o que leva os alunos a utilizarem, em Língua Portuguesa, as preposições de forma inadequada.

A seguir, serão esclarecidos os procedimentos metodológicos adotados, com posterior discussão sobre o ensino da Língua Portuguesa como segunda língua para alunos surdos e o bilinguismo. Posteriormente, será apresentado o porquê da dificuldade dos alunos surdos em inserir as preposições em sua escrita. E, por fim,

que metodologia é utilizada nas aulas de português, a fim de se verificar as estratégias utilizadas e quais são mais eficientes na educação do aluno surdo.

2. Metodologia

Esta pesquisa teve o intuito de discutir a forma como é ensinada a Língua Portuguesa para alunos surdos com foco nas preposições, bem como reforçar a importância da educação bilíngue para os alunos.

Inicialmente foram elaboradas algumas perguntas para uma entrevista, mas, pela falta de tempo dos entrevistados, o que era para ser um tópico-guia, acabou tornando-se um questionário. Este apresentava sete perguntas abertas sobre o ensino do Português, sobre a importância da educação bilíngue, sobre o entendimento da função das preposições e sobre as estratégias utilizadas pelos professores e pelos intérpretes nas atividades escolares.

Após esse planejamento, foi entregue um questionário para três professores: Paula³, professora de Língua Portuguesa como segunda língua que ministra aula para alunos surdos do sexto ao nono ano; Joana³, intérprete de Libras que trabalha com alunos que cursam as séries iniciais do Ensino Fundamental; e Jorge³, professor surdo que ministra aula de Libras para ouvintes. Recebeu-se o questionário respondido da intérprete e da professora de português, mas, por motivos pessoais, o professor surdo não pôde colaborar.

O interesse em se pesquisar sobre esse assunto surgiu após constatar o índice de reprovação e de desistência de alunos surdos associado, principalmente, à dificuldade que eles demonstravam ter ao escrever textos em português utilizando inadequadamente ou, na maioria dos casos, eliminando-se as preposições e os outros conectivos essenciais à escrita.

A finalidade desta pesquisa é investigar por que os alunos surdos têm dificuldade no processo de aprendizagem do português e por que não utilizam adequadamente as preposições na elaboração de textos em Língua Portuguesa.

³ Por recomendação ética, os nomes dos colaboradores são fictícios com o intuito de se preservar a identidade destes.

Assim, optou-se pela pesquisa qualitativa, pois, segundo Gerhardt e Silveira (2009, p.31), “a pesquisa qualitativa não se preocupa com representatividade numérica, mas, sim, com o aprofundamento da compreensão de um grupo social, de uma organização”. As autoras (ibid, p.32) ainda afirmaram que os pesquisadores que utilizam os métodos qualitativos buscam explicar o porquê de determinados fatos, exprimindo o que convém ser feito, mas não quantificam os valores e as trocas simbólicas nem se submetem à prova de fatos, pois os dados analisados são não métricos e se valem de diferentes abordagens.

De acordo com Gunther (2006, p.202), um dos aspectos da pesquisa qualitativa é que apesar da crescente importância de material visual, a pesquisa qualitativa é uma ciência baseada em textos, ou seja, a coleta de dados produz textos que nas diferentes técnicas analíticas são interpretados hermeneuticamente.

3. O ensino da Língua Portuguesa como segunda língua para alunos surdos e o bilinguismo

Atualmente, autores de estudos relacionados à educação para alunos surdos, como Quadros (1997), Sabanai (2008) Carvalho e col. (2004), vêm sendo fonte de pesquisa para muitos educadores. Isso ocorre devido à dificuldade que alunos com deficiência auditiva têm em aprender a Língua Portuguesa, principalmente, aqueles que não aprenderam a pronunciar palavras em português, ou os que têm sua própria maneira de se comunicar, com gestos e mímicas aleatórios, sem ter tido contato com a Língua Portuguesa.

Na pesquisa realizada, Joana, intérprete de Libras e colaboradora da pesquisa, afirmou ter mais facilidade em aprender a Língua portuguesa na sua modalidade escrita o aluno surdo que aprendeu a pronunciar as palavras em português antes de aprender a língua de sinais. Isso ocorre, na visão dela, pois ele tem o português como primeira língua. A professora de português como segunda língua e participante da pesquisa, Paula, compartilha da mesma ideia e acrescentou que, com os alunos surdos moderados e leves, há a possibilidade de se trabalhar com alguns fonemas, mas com surdos profundos, o ensino do português é apenas visual e com repetições. Sobre esse pensamento, Carvalho e col. (2004, p.18) relatam que quanto mais o professor inserir o aluno surdo em uma situação que se

encaixe com o que ele está aprendendo, maior facilidade ele terá em aprender uma segunda língua. Portanto, a maneira que o surdo aprende o português é similar à do ouvinte, havendo, apenas, alteração no meio pelo qual determinada informação é transmitida, pois

para ouvintes, geralmente, o momento de verificação da compreensão do texto se dá por meio de vários tipos de perguntas, às quais os alunos, após terem lido o texto, respondem em meio a um debate em sala. No caso do aluno surdo, há a necessidade de que o professor proponha atividades práticas, com o português-por-escrito – além das perguntas, que sempre exigem o uso de LIBRAS –, por meio das quais os alunos passem pelos vários níveis de leitura para construir os sentidos do texto (GRANNIER & SILVA, s/d, p.4).

Segundo Fernandes (1998, p.49), a aquisição da linguagem ocorre em situações de interlocução distintas, não há como escolher o que aprender, simplesmente é assimilado, ouvindo de forma natural as palavras enunciadas por interlocutores em diferentes significados e em contextos significativos diversos.

Pensando-se no contexto de ensino de português para surdos, Lourenço e Meireles (2012, p.18) asseguram haver pensamento do senso comum de

que a língua de sinais substitui a modalidade da Língua Portuguesa; a resposta é que não tem como substituir, pois possui dois aspectos gramaticais diferenciados. A Língua Portuguesa utiliza canal oral-auditiva e a língua de sinais utiliza canal visual-espacial, acabam articulando-se espacialmente e são abrangidas visualmente, proporciona os aspectos linguísticos como fonológicos, morfológicos, sintáticos para obter os significados e os significantes da língua de sinais.

Durante a entrevista, Paula afirmou que a educação bilíngue é primordial, pois os alunos surdos têm direito de serem alfabetizados e continuarem a escolarização em sua primeira língua. Joana reiterou a necessidade que o aluno tem de receber uma educação bilíngue, porque possibilitará ao aluno uma melhor compreensão dos conteúdos estudados.

Lourenço e Meireles (2012, p.19) alegam que uma língua jamais substituirá outra. O aluno surdo terá de aprender o português principalmente na sua modalidade escrita para a elaboração de documentos, redações e publicações. A língua de sinais, por sua vez, será sempre sua língua natural, que melhor possibilitará se fazer entender, expor suas vontades, ideias e também a que melhor

compreenderá o mundo a sua volta, pois é a Libras que faz parte da sua cultura visual. Mesquita e Salles (s/d, p.1) reiteram que

os surdos fazem parte de um grupo linguístico com características únicas. Por sua condição perceptual, são primordialmente usuários da língua de sinais (LS) a qual deve se constituir como primeira língua (L1). Ao mesmo tempo, estão envolvidos em uma sociedade em que a língua oral predomina. Nesse sentido, pode-se dizer que estão imersos em uma comunidade que utiliza majoritariamente a língua oral, primordialmente pela modalidade escrita, do que decorre o desenvolvimento de uma segunda língua, o que os faz indivíduos bilíngues, na maioria dos casos. Trata-se, porém, de uma realidade heterogênea, no que se refere à proficiência no uso dessas línguas, por motivos diversos, que cabe identificar, e preferencialmente minimizar, tendo em vista o entendimento de que a situação de bilinguismo é inevitável e desejável.

De acordo com Cunha e Oliveira (s/d, p.11), muitas famílias ouvintes que têm filhos surdos impedem o aprendizado da língua de sinais, obrigando-os a aprender a língua oral. Isso atrapalha bastante o desenvolvimento intelectual, social e cultural dos alunos, que terminam não aprendendo a língua que lhes seria materna e nem aquela que sua família lhes impõe. Paula, a professora participante da pesquisa, ressalta que grande parte dos surdos que nasceu em família de ouvintes tem contato tardio com a Libras e acaba desenvolvendo gestos próprios, fato que acaba atrapalhando o desenvolvimento do aluno surdo.

Segundo Silveira (s/d, p.3), na educação das crianças surdas, a primeira língua é de língua de sinais, porém os alunos surdos têm o processo de desenvolvimento semelhante ao das crianças ouvintes. É primordial que o professor tenha conhecimento sobre Libras para ensinar crianças surdas, sendo preferencialmente um professor surdo, pois a língua de sinais é sua língua materna.

Para Quadros (1997, p.27), a língua de sinais é adquirida de forma espontânea pela pessoa surda em contato com outras usuárias da Libras, e se a língua oral é adquirida de forma sistematizada, então as pessoas surdas têm o direito de receber instruções escolares na língua de sinais. É esse direito que a proposta de ensino bilíngue busca conferir ao estudante.

A professora de português e participante da pesquisa, Paula, assegura que as escolas não estão preparadas para dar suporte aos alunos surdos. Ela relata que a maioria das escolas funciona como escolas inclusivas, onde a aula é ministrada em língua oral e há um intérprete de língua de sinais. A professora menciona que no

Distrito Federal há apenas uma escola bilíngue. E esta, sim, está preparada para receber alunos surdos, pois conta com professores surdos e professores ouvintes fluentes em Libras capazes de lecionar de forma satisfatória.

Portanto, a educação bilíngue e a preparação adequada do professor tanto em português quanto em Libras são extremamente importantes, pois facilita a comunicação e, conseqüentemente, o aprendizado do aluno, tornando-o capaz de se relacionar com integrantes da comunidade ouvinte, bem como com integrantes da comunidade surda. A interação do aluno surdo com ouvintes é tão importante quanto a interação com surdos, pois estes o incluirão no meio social que pertencem, enquanto aqueles poderão melhor orientá-lo, principalmente, em assuntos relacionados à produção escrita em Língua Portuguesa.

4. A dificuldade em inserir as preposições na escrita dos alunos surdos

As professoras entrevistadas afirmaram que os alunos surdos têm grande dificuldade em entender a função das preposições, pois essa classe gramatical não existe em Libras. Por esse motivo, é difícil incluí-las na escrita dos alunos com deficiência auditiva. Segundo Cunha e Oliveira (s/d, p.12), observa-se que, no estágio inicial de aprendizagem da segunda língua, o surdo procura reproduzir na escrita o mesmo padrão da sinalização em língua de sinais, omitindo as preposições na escrita, já que não as usa de maneira visível em Libras.

A professora de português e colaboradora da pesquisa, Paula, relatou que os ouvintes também têm dificuldade com as preposições e apenas as decoram, somente quando decidem estudar mais profundamente a Língua Portuguesa é que compreendem suas funções. Os surdos como aprendizes do português como segunda língua também apenas decoram e, geralmente, não compreendem suas funções. Carvalho e col. (2004, p.155) reforçam que

a categoria das preposições, apesar de ser uma classe relativamente fechada, oferece especial dificuldade aos aprendizes de segunda língua devido a sobretudo dois fatores: (1) uma mesma preposição pode estabelecer relações com significados bastante variados (caráter polissêmico) - isso ocorre sobretudo com os elementos morfologicamente simples; (2) essa variedade de significados das preposições não se

manifesta, porém, em todas as ocorrências. Há contextos em que não se identifica o significado estabelecido pela preposição.

Joana esclarece que a dificuldade do aluno em compreender e utilizar as preposições ocorre por que a estrutura das frases em língua de sinais não envolve a classe gramatical. Paula assegura que os surdos têm dificuldade com todas as preposições, pois, apesar de, a estrutura das frases em Libras ser SVO (sujeito/verbo/objeto) e SOV (sujeito/objeto/verbo), assim como no português, não há explicitação de preposições em Libras.

Exemplo em Português	Exemplo em Libras
Eu vou <u>para</u> casa.	Eu vou ∅ casa.

Segundo Carvalho e col. (2004, p.34), as diferenças entre as línguas de sinais e as línguas orais são evidentes e, por esse motivo, as relações entre as estruturas não se estabelecem da mesma forma nas duas línguas. A maior dificuldade na produção de textos por alunos surdos é exatamente a de fazer ligações entre palavras, segmentos, orações, períodos e parágrafos, ou seja, organizar de maneira coesa o pensamento em língua portuguesa.

De acordo com Mesquita e Salles (s/d, p.3), as funções gramaticais instrumental, comitativa, dativa e locativa, em Libras, são representadas em português por preposição. São identificadas três categorias que correspondem, em Língua de Sinais, às funções preposicionadas da Língua Portuguesa: sinais específicos da Libras, classificadores e movimento direcional. Na Libras, os verbos estão divididos em verbos manuais, verbos espaciais, verbos com concordância (direcionais) e verbos sem concordância (não direcionais) e são por meio deles, que essas funções que representam as preposições são demonstradas.

Segundo as autoras (ibid, pp. 3-5), a função instrumental é representada pela preposição 'com'. Ex: Gustavo pintou com lápis. Em Libras, não existe um sinal específico que indique a preposição. Há o classificador de instrumento que é apresentado junto com o verbo em um único sinal. O verbo que incorpora um

classificador recebe o nome de verbo manual, denominado dessa forma por envolver uma configuração de mão em que o sinalizador representa estar segurando um objeto.



Franco e col. (2013, p.40) reforçam que os verbos que exigem a função instrumental são verbos no qual o formato do instrumento que está sendo utilizado para realizar aquela ação modifica o formato da configuração da mão. Por exemplo, o verbo “cortar” em português exprime uma ação onde algo está sendo cortado pela ação de determinado instrumento. Em Libras não encontramos o verbo “cortar” isolado, ele está sempre ligado ao instrumento que está sendo utilizado para realizar a ação de cortar.



Na entrevista, Joana relata que os sinais que utilizam classificadores dificulta a aprendizagem da função das preposições em português, mas não impede que o aluno compreenda a classe gramatical, desde que esta seja utilizada em uma metodologia eficaz. O uso de classificadores em sinais torna a compreensão da preposição em português mais difícil, pois não existe um sinal exclusivo para a preposição. No sinal, a classe gramatical já está implicitamente inserida. Brito (s/d, p.20) reitera que

como algumas línguas orais e como várias línguas de sinais, a LIBRAS possui classificadores, um tipo de morfema gramatical que é afixado a um morfema lexical ou sinal para mencionar a classe a que pertence o referente desse sinal, para descrevê-lo quanto à forma e ao tamanho, ou para descrever a maneira como esse referente é segurado ou se comporta na ação verbal.

Mesquita e Salles (s/d, p.5) declaram que assim como a função instrumental, a função comitativa é apresentada pela preposição 'com', mas esta indicando companhia ou pelo advérbio 'junto', na locução prepositiva 'junto de', pois, nesse contexto, ambos têm o mesmo valor semântico. A função comitativa, diferentemente, da função instrumental é realizada por um sinal próprio. Ex: Eu estudei com amigos.

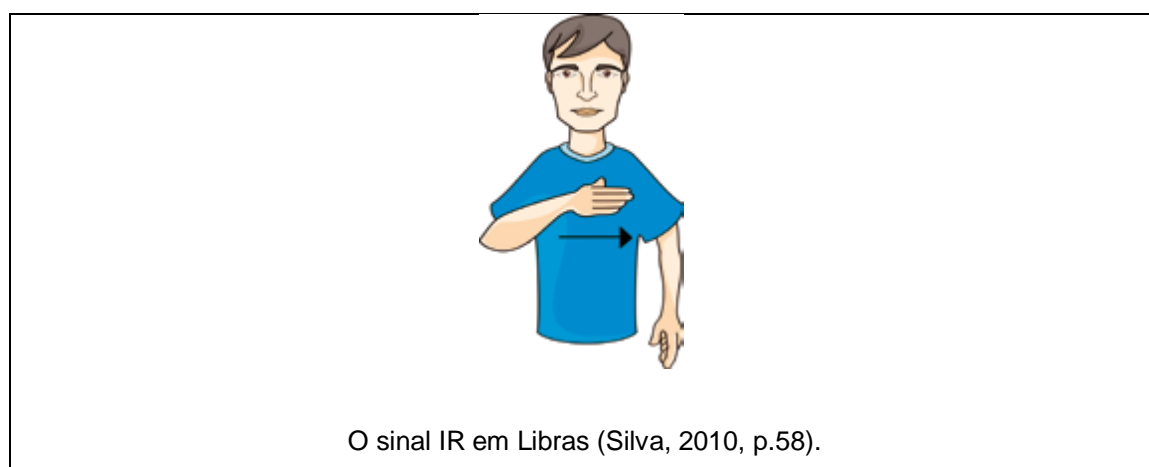


As autoras (ibid, p.9) relatam que a função dativa é representada em português pelas preposições 'a' e 'para', podendo ser substituídas pelo pronome 'lhe'. Em Libras, diferentemente das funções instrumental e comitativa, a função dativa é representada por movimento direcional a partir do verbo com concordância.

De acordo com Franco e col. (2013, p.35), os verbos com concordância são verbos que concordam com as pessoas da sentença, mas não incorporam o locativo. A direção do sinal é realizada do sujeito para o objeto da sentença. Com isso a direção do movimento destes verbos sempre irá variar com a posição das pessoas que estão envolvidas. Exemplo em português: Eu perguntei para você. Exemplo em Libras: Eu PERGUNTAR você.



Mesquita e Salles (s/d, p.14) esclarecem, ainda, que a função locativa no português pode ser introduzida por mais de uma preposição, como 'a', 'de', 'em', 'para'. Em Libras, a função locativa também é representada por movimento direcional, por meio de um verbo espacial. Ex: João vai a Brasília; João voltou de Brasília; Maria está em casa; Viajou para Europa.



As autoras (ibid, pp.14-15) acrescentam que o verbo espacial denota movimento de um ponto a outro. São exemplos de verbos espaciais: VIAJAR, IR,

CHEGAR. Esses verbos não apresentam relação com seus referentes pessoais, mas com seus referentes espaciais. Desse modo, na oração “Eu fui de casa ao trabalho”, o verbo “ir” concorda com seus referentes espaciais “casa” e “trabalho”, e não com seu referente pessoal, o sujeito “eu”.

Segundo Franco e col. (2013, p.36), “os verbos espaciais são verbos que têm afixos locativos. Estes verbos sempre estão relacionados à existência de um lugar no discurso”.

Segundo Mesquita (2008, p.59),

não há um consenso entre os pesquisadores quanto à existência da categoria das preposições em LIBRAS. Algumas pesquisas apontam que as preposições são escassas e que, em LIBRAS, as construções preposicionadas são realizadas de diferentes maneiras. De fato, em muitos casos, a preposição que ocorre em português é representada de outra forma em LIBRAS.

Já na concepção de Carvalho e col. (2004, p.169), “diferentemente do Português, em Libras, a categoria das preposições possui número bastante reduzido de elementos, restritos sobretudo às relações de lugar”. Apesar de as preposições nem sempre terem um sinal próprio, elas estão presentes na Libras por meio de outros artifícios próprios da língua de sinais.

A Libras tem uma maneira própria de ser expressada, e a representação das preposições, por meio de sinais específicos, de classificadores e de movimento direcional talvez seja a forma mais particular que há na língua de sinais. Portanto, a existência desses mecanismos utilizados para representar as preposições, na Libras, termina desmistificando o pensamento de que as preposições são inexistentes na língua de sinais.

5. Metodologia de ensino utilizada nas aulas de português

Paula, colaboradora da pesquisa, relatou que as estratégias utilizadas em suas aulas dependem muito do grau de surdez do aluno. Ela diz que, às vezes, com os surdos que já têm contato com a Língua Portuguesa e com grau de surdez moderado, há a possibilidade de se trabalhar o som das palavras, mas com os surdos profundos, o ensino é visual e com repetição.

Sabanai (2005, p.1) assegura que os aprendizes surdos chegam à escola sem conhecer a Língua Portuguesa e, para eles, esta requer uma metodologia de ensino de segunda língua. Por outro lado, esta tradicionalmente é centrada na prática oral, o que é inviável para o aluno surdo, pois ele não tem acesso à percepção auditiva. Por esta razão, torna-se necessário adotar a metodologia baseada em outro meio que não a audição. Por isso, são utilizados recursos exclusivamente visuais, tais como alguns materiais de apoio, predominando a utilização de tiras com palavras, frases escritas em português e a indicação do significado das palavras representado através de desenhos ou fotografias.

Quadros (1997, p.30) ressalta que, no contexto escolar, deve haver um ambiente próprio para desenvolver a linguagem e o pensamento das crianças surdas. Desse modo, é viável o ensino de uma segunda língua, caso contrário, a criança não conseguirá aprender, de forma satisfatória, a Língua Portuguesa, necessária, especialmente, nas situações de escrita.

Paula, colaboradora da pesquisa, acredita que os alunos surdos necessitam de um ambiente próprio, onde as aulas sejam ministradas em sua língua materna, mas que não devem ser afastados dos outros alunos nas demais atividades para que haja interação entre surdos e ouvintes, facilitando a inclusão.

Um outro aspecto, ressaltado por Carvalho e col. (2004, pp.20-21), é que a leitura deve ser uma das maiores preocupações no ensino de língua portuguesa como segunda língua para surdos, pois constitui etapa fundamental no aprendizado da escrita. O professor deve considerar, sempre que possível, a Libras como instrumento de ensino do português, pois aquela será mais utilizada pelo surdo no seu cotidiano. A professora de português e colaboradora da pesquisa, Paula, relatou que utiliza apenas a língua de sinais e o português por escrito em suas aulas para turmas do 6º ao 9º ano do Ensino Fundamental.

A participante assegura que a interação entre crianças e adolescentes surdos, mesmo iniciantes em sua vida estudantil, e adultos surdos bilíngues é primordial, pois a língua de sinais será melhor compreendida e assimilada, viabilizando o aprendizado de Língua Portuguesa.

De acordo com Quadros (1997, pp. 29-30), a educação bilíngue é a melhor maneira de se ensinar a Língua Portuguesa aos alunos surdos, principalmente por que a maioria das crianças surdas são filhas de pais ouvintes. O contato da criança surda com adultos surdos é fundamental, pois estes poderão inseri-los em sua comunidade cultural, social e linguística. Assim, a criança poderá criar sua própria identidade e, com o tempo, começar a adquirir sua língua natural.

Quadros e Schmiedt (2006, p.25) garantem que há dois recursos muito importantes utilizados em sala de aula no ensino de língua portuguesa: o relato de estórias e a produção de literatura infantil em sinais. O ato de contar estórias auxilia na produção espontânea das crianças, pois na comunidade surda, é bastante comum contar estórias espontâneas, assim como contos e piadas transmitidos de geração em geração.

Como já foi mencionado, com os surdos profundos as aulas são exclusivamente visuais e com os surdos moderados há a possibilidade de se trabalhar com fonemas, porém a utilização da Libras não deve ser descartada em nenhum dos contextos. Embora haja essa variação de métodos utilizados em sala de aula, a socialização dos surdos com ouvintes e com surdos adultos bilíngues é a maior das estratégias para o ideal desenvolvimento intelectual e social do aluno surdo.

6. Resultados e Discussão

Tanto os colaboradores da pesquisa (Paula e Joana), quanto os teóricos (especialmente Lourenço, 2012; Quadros, 2006; Carvalho e col., 2004) perceberam que a educação bilíngue é de grande importância para os surdos, pois estes vivem em comunidade predominantemente ouvinte e, invariavelmente, terão de se comunicar com pessoas não surdas. Para que essa comunicação flua, é necessário ter um contato inicial com a língua de sinais e, posteriormente, com a Língua Portuguesa, porque a Libras é mais acessível ao surdo e irá inseri-lo com mais facilidade no ambiente escolar.

Os surdos são pessoas e, como tal, são dotados de linguagem, assim como todos nós. Precisam apenas de uma modalidade de língua que possam perceber e articular facilmente para ativar seu potencial linguístico e,

consequentemente, os outros, e para que possam atuar na sociedade como cidadãos normais. Eles possuem o potencial. Falta-lhes o meio. E a Língua Brasileira de Sinais é o principal meio que se lhes apresenta para “deslanchar” esse processo (BRITO, s/d, pp.3-4).

A maior dificuldade dos alunos ao desenvolver um texto em português é a questão da coesão, pois na Libras, não só as preposições, mas todos os conectivos da Língua Portuguesa, não são representados apenas por sinais específicos, mas também por outros meios, como: o movimento direcional e os classificadores (quando a preposição já está inserida em determinado sinal). O fato de o surdo ter em sua primeira língua, a Libras, uma gramática própria, isso dificulta a compreensão das regras gramaticais em português, principalmente, por que a língua portuguesa é uma língua oral.

Na pesquisa, notou-se, por meio da colaboração das professoras, que as diferenças existentes entre a Libras e as demais línguas dificultam ainda mais o aprendizado do português como segunda língua, principalmente, quando se trata das preposições e da forma como elas são representadas na língua de sinais.

A língua de sinais, como qualquer outra língua, tem suas particularidades e, por ser emitida no campo visual, suas diferenças são bem mais evidentes. Portanto, afirmar que as preposições não existem na Libras não é o mais adequado. Elas existem na língua de sinais, mas são representadas por formas muito particulares.

7. Conclusão

Trabalhos realizados abordando o bilinguismo são diversos e de qualidade ímpar. Vários teóricos, como Carvalho e col. (2004), Sabanai (2008), Fernandes (1998) e Quadros (2006), afirmam que a educação bilíngue para alunos surdos é de extrema importância para o desenvolvimento intelectual e social dos alunos, pois estes vivem em uma comunidade predominantemente ouvinte e necessitam de se comunicar com as demais pessoas. No que se refere ao uso das preposições, a dificuldade que há no aprendizado dessa classe gramatical se dá pelo fato de tais palavras serem representadas de maneira particular na língua de sinais. Diferentemente do que a maioria dos professores pensa, as preposições existem em Libras, mas não são tão evidentes quanto na Língua Portuguesa, pois, na língua de

sinais, as preposições são representadas por sinais específicos e também por classificadores e por movimento direcional.

Os objetivos desta pesquisa foram alcançados, pois foi possível comprovar a importância do ensino da Língua Portuguesa para os alunos surdos, na concepção do professor, bem como a necessidade do ensino da Libras como primeira língua, pois facilitaria o processo de aprendizagem do aluno e a inserção dele no meio social. O motivo pelo qual o aluno não utiliza as preposições na sua escrita é por que na língua de sinais as maneiras como a classe gramatical é apresentada não demonstra, nitidamente, que é uma preposição e, como o aluno surdo tem a Libras como sua primeira língua, termina não utilizando preposições em Língua Portuguesa.

É necessário que sejam feitas outras pesquisas sobre o ensino das preposições no português para surdos para reforçar a importância desse tema em estudos linguísticos. Em suma, é fundamental que se exija, do professor, um conhecimento em Libras e em Língua Portuguesa suficiente para que ele seja capaz de sanar as dúvidas existentes em sala de aula, quanto às diferenças entre as duas línguas, principalmente, no que se refere às preposições e a sua forma particular expressada na língua de sinais. É preferencial a atuação de um professor bilíngue, pois este teria uma qualificação ideal para ministrar, adequadamente, aulas aos alunos surdos.

8-Referências

BRITO, L.F. **A Língua Brasileira de Sinais**. UFRJ. Rio de Janeiro. s.d.

CARVALHO, O.L; FAULSTICH, E; RAMOS, A. A. L; SALLES, H. M. M. L. **Ensino de Língua Portuguesa para Surdos: caminhos para a prática pedagógica**. Brasília. V. 2. 2004.

CUNHA, K. M. M. B; OLIVEIRA, C. C. de. **Concordância Verbal em Língua de Sinais e suas Implicações na Escrita da Segunda Língua**. UFG. Goiás. s.d.

ESMINGER, J. **Curso Básico de Libras**. APILMS. Mato Grosso do Sul. s.d.

FERNANDES, S. F. **Surdez e linguagens: é possível o diálogo entre as diferenças?** Curitiba. 1998.

FRANCO, M; GAUTO, P.R; PATERNO, U; RANGEL, G. M. M; REIS, F; SILVA, F. I; SILVA, S. G. L. **Aprendendo Língua Brasileira de Sinais como Segunda Língua: nível intermediário**. IFSC. Santa Catarina. 2013.

GERHARDT, T. E; SILVEIRA, D. T. **Métodos de Pesquisa**. UFRGS. Rio Grande do Sul. 2009.

GRANNIER, D. M; SILVA, R. M. F. **Um Projeto de Material Didático Flexível para o Ensino de Português a Surdos**. Universidade de Brasília. Brasília. s.d.

GUNTHER, H. **Pesquisa Qualitativa Versus Pesquisa Quantitativa: esta é a questão?** Universidade de Brasília. Brasília. 2006.

KARNOPP, L. B; QUADROS, R. M. **Língua de Sinais Brasileira: estudos linguísticos**. Artmed. Porto Alegre. 2004.

LOURENÇO, K.R.C.; MEIRELES, A.R.A.D.C. **Apostila para Proficiência em Língua Brasileira de Sinais: LIBRAS, Falando com as Mãos e Ouvindo com os Olhos**. IMOESC. São Paulo. 2012.

MESQUITA, A.C.R. **A categoria preposicional na interlíngua do surdo aprendiz de português (L2)**. Universidade de Brasília. Brasília. 2008.

_____ ; SALLES, H. **Instrumentais, Comitativos, Dativos e Locativos em português e em LIBRAS**: implicações para o ensino de português L2. Universidade de Brasília. Brasília. s.d.

QUADROS, R.M. **Educação de Surdos**: a aquisição da linguagem. Porto Alegre: Artmed. 1997.

_____ ; SHMIEDT, M.L.P. Ideias para Ensinar Português para Alunos Surdos. Universidade de Brasília. Brasília. 2006.

SABANAI, N.L. **A Criança Surda Escrevendo na Língua Portuguesa**: questões de interlíngua. Universidade de Brasília. Brasília. 2008.

_____ ..**Projeto de Implantação da Metodologia do Ensino de Português como Segunda Língua para Usuários de LIBRAS**. Universidade de Brasília. Brasília. 2005.

SILVA, L. **Língua Brasileira de Sinais – Libras**. Editora Fael. Curitiba. 2010.

SILVEIRA, C.H. **O Ensino de Libras para surdos** – Uma Visão de Professores Surdos. (Dissertação de mestrado). Rio Grande do Sul. s.d.